

“A condição humana em seu limite”: testemunho e narrativa do cotidiano de um campo de concentração na obra de Primo Levi *

GERALDO ANTONIO SOARES**

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O químico e escritor italiano Primo Levi produziu uma obra de testemunho fundamental sobre o período de um ano que passou no campo de concentração de Auschwitz entre 1944 e 1945. Esta obra se caracteriza tanto pela objetividade como procura descrever as condições vividas no campo, como por uma particular sensibilidade do autor que o distancia de análises maniqueístas tão comuns em se tratando de um tema tão carregado de valores morais. Na análise dessa obra nos voltaremos para o cotidiano no campo de concentração, para a relação entre a memória e a construção da narrativa, para o que podemos considerar como o projeto nazista para esses campos e para o exame da condição humana em condições extremas.

Palavras-chave: Memória; Testemunho; Narrativas.

Abstract: The Italian writer and chemist Primo Levi produced testimonial work of fundamental importance about the year he spent at the Auschwitz concentration camp between 1944 and 1945. The work is valuable for both, the objectivity with which Levi depicts the living conditions at the camp, and, particularly, the sensitivity which distinguishes him from the all too often manichaeist analyses of such a value loaded topic like the Holocaust. In analyzing his work, we will focus on the daily life in Auschwitz, on the relation between memory and narrative construction and on what we can consider to have been the Nazi project for these camps. Then, we will proceed an examination of human condition under extreme conditions.

Keywords: Memory; Testimonial; Narratives.

* Artigo submetido à avaliação em 14 de setembro de 2012 e aprovado para publicação em 28 de outubro de 2012.

** Doutor em História pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* – EHESS – Paris. Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: geraldosoares12@gmail.com.

O escritor e químico italiano Primo Levi nasceu em 31 de julho de 1919 em Turim de uma família judia sefardita de classe média. Em fevereiro de 1938 ingressou na Universidade de Turin para cursar química. Em julho deste mesmo ano de 1938 o governo fascista italiano promulgou um conjunto de leis raciais sendo que uma delas de início criava empecilhos e depois proibiu totalmente o acesso de judeus às escolas públicas. Mas esta lei abria uma exceção para aqueles que já tinham ingressado em uma delas, o que era o caso de Primo Levi. Em 1941 concluiu seu curso, mas em seu diploma foi inscrita a menção “de raça judia”, o que criava dificuldades para que ele conseguisse um emprego. Apesar dessas dificuldades, no final de 1941 conseguiu um emprego numa mina de amianto em Milão. Escreve então suas duas primeiras histórias curtas, integradas posteriormente no livro *A tabela periódica*, de 1975. Em outubro de 1943 ingressou na resistência italiana e em dezembro deste mesmo ano foi capturado na região montanhosa que faz parte da rota entre Turin e a Suíça e encaminhado ao campo de internamento de Fossoli, perto de Módena, no qual permaneceu por dois meses até ser deportado para Auschwitz em fevereiro de 1944. Em 11 de fevereiro daquele ano, fazendo parte de um grupo de 650 prisioneiros, foi enviado para o campo de Monowitz, pertencente ao complexo de campos de concentração de Auschwitz, na Alta Silésia, a aproximadamente 60 km a oeste da cidade polonesa de Cracóvia. Aí permanecerá até janeiro de 1945, quando da evacuação do campo ante a eminente chegada do Exército Vermelho. Em 27 de janeiro de 1945 o campo é liberado pelos russos. Daqueles 650 prisioneiros italianos, somente 20 conseguiram sobreviver e retornar à Itália ao final da guerra.

Primo Levi retorna para a Itália somente em outubro de 1945, depois de permanecer um certo tempo em um campo soviético para recuperação de antigos prisioneiros dos campos de concentração e após um longo périplo em companhia de prisioneiros italianos de guerra capturados no front russo. No retorno de trem, passou pela Polônia, pela Rússia, pela Romênia, pela Hungria, pela Áustria e pela Alemanha. Este retorno é narrado no livro *A trégua*, de 1963.

Retornando a Turin, publica então aquele que se tornaria seu livro mais conhecido – *É isto um homem?* – em uma pequena tiragem em 1947. Neste livro narra o seu quase um ano de vida no campo. No entanto, o livro passa despercebido e só vem a ter grande projeção numa edição de 1958 da Einaudi. Em 1966 publica, sob o pseudônimo de Damiano Malabaila, *Histórias naturais*, e em 1971, *Vício de forma*. Estes livros são constituídos por contos curtos voltados para a literatura ligada à ficção científica. Em 1974 deixa de exercer a profissão de químico para se dedicar inteiramente à literatura. Em 1978 publica uma nova coletânea de contos curtos, *Lilith* e em 1986 retorna de forma mais direta ao tema dos campos de concentração em *Os afogados e os sobreviventes*. Em 11 de abril de 1987 Primo Levi morre ao cair no vão da escada do prédio em que morava, havendo até hoje uma controvérsia a respeito de ter sido sua morte voluntária ou acidental.

Acreditamos que a obra de Primo Levi nos mostra que se vivia nos campos de concentração e que tal vida é possível ser representada a partir de categorias com as quais estamos habituados. Isto é possível porque em sua obra ele está sempre se interrogando sobre a condição humana. Tratava-se de uma condição humana no limite, mas prisioneiros, e também não prisioneiros, não perdiam sua humanidade. Estamos interessados nisto: na preservação do que havia de vida e de humano nos campos de concentração. A obra de Primo Levi é nossa fonte. Não examinaremos sua obra de uma forma exaustiva por não ser nosso objetivo proceder a uma exegese da mesma. Não somos especialistas nesta obra. Nos colocamos como um historiador interessado nestas vivências-limite e, sobretudo, fomos atraídos pela riqueza da fonte.

Lembra Primo Levi que mais cedo ou mais tarde cada um de nós se dá conta de que a felicidade completa é irrealizável. Mas também é irrealizável a infelicidade completa. Seria então possível, de algum modo, ser feliz em um campo de concentração? A questão, assim colocada, não tem o menor sentido. O certo é que enquanto a grande maioria sucumbiu, alguns poucos conseguiram sobreviver e o conseguiram, sobretudo por que não se desesperaram ou se entregaram à miséria cotidiana ali vivida. Foi justamente a necessidade de resistir a essa miséria cotidiana, às privações, aos maus

tratos, ao frio, à sede, que possibilitou que esses poucos não se entregassem a um desespero sem fim. Foi isto e não a vontade de viver ou uma resignação consciente, além de alguns fatores fortuitos, que fez com que alguns conseguissem sobreviver.

Para Tzvetan Todorov (1995, p. 286-288), as qualidades que fazem de Primo Levi o mais célebre entre as testemunhas dos campos de concentração nazistas e que fizeram de *É isto um homem?* a obra-prima desta literatura são várias: o fato de suas posições sobre a experiência do campo superarem o ódio e a resignação; sua recusa do maniqueísmo que anula as vítimas e transforma os carrascos em monstros; sua atenção para as exceções que quebram os estereótipos; suas interpretações prudentes e seus julgamentos matizados. A explicação para estas qualidades raras está no seu interesse pela experiência cotidiana e na procura em reconhecer a virtude humana nos atos mais comuns. Já Hannah Arendt chama a atenção para o quanto é difícil contar histórias como as vividas pelos judeus na Alemanha nazista e nos campos. Quem as contava devia ter “uma pureza de alma, uma irrefletida inocência de coração e mente que só os justos possuíam” (ARENDRT, 1999, p. 251). A nosso ver, Primo Levi possuía estas virtudes.

Em *Rumo ao Ocidente*, do livro de contos *Vício de forma*, de 1971, por meio de Walter, o protagonista do conto, Primo Levi se interroga sobre o sentido da vida, sobre a vontade viver ou mais precisamente, sobre o que chama de hábito de viver:

Nós nos enganamos e sabemos disso, mas preferimos continuar de olhos fechados. A vida *não* tem um objetivo; a dor sempre prevalece sobre a alegria; somos todos uns condenados à morte, a quem o dia da execução não foi revelado; estamos condenados à assistir ao fim das pessoas mais queridas; as contrapartidas existem, mas são escassas. Todos sabemos disso e, no entanto algo nos protege, nos sustenta e nos afasta do naufrágio. O que é essa proteção? Talvez apenas o hábito: o hábito de viver, contraído desde o nascimento. (LEVI, 2005, p. 185)

Podemos dizer que este hábito de viver foi colocado à prova no campo de concentração a ponto de que somente alguns poucos conseguiram preservá-lo. A própria vontade viver, que para Primo Levi não é algo natural e pode acabar em um certo tempo e sob certas condições, também deve ter se esgotado para muitos.

No conto *Versamina*, integrante do livro de contos *Histórias naturais*, de 1966, Primo Levi trata de experimentos, desenvolvidos em laboratório a partir de uma certa substância, que produziam como resultados imediatos a conversão da dor em prazer em animais nos quais eram ministrados este composto – a versamina – e posteriormente na própria pessoa que fazia tais experiências e que acabou por ministrar a si mesmo o composto. Alguns animais voltavam ao normal depois de algum tempo após serem submetidos às experiências, mas outros não. Estes últimos tinham o princípio do prazer e da dor definitivamente invertidos e sucumbiam. Em suas reflexões o narrador nos diz que nada é de graça, que o desejo de libertar a humanidade da dor tem um preço e que a dor é necessária para a própria sobrevivência; diz também que depois de ter sofrido bastante, vinha pensando a tempos que o prazer é o objetivo e o prêmio da vida, já a dor é sua guardiã: “frequentemente uma guardiã estúpida, porque inflexível, fiel à sua tarefa com obstinação maníaca, e nunca se cansa, ao passo que todas as outras sensações se cansam, se deterioram, especialmente as mais prazerosas”. (LEVI, 2005, p. 91)

No campo de concentração não havia o sentido de futuro ou mesmo a esperança de liberdade, o que interessava às pessoas e ao que elas se apegavam era o presente ou o futuro imediato. Ali, mais do que em qualquer outro lugar ou momento, a incerteza do futuro se fazia presente. Mas ainda assim havia os otimistas, que acreditavam que nem tudo estava perdido e que, se tivessem força e fé, poderiam reaver sua família e seus amigos, e os pessimistas, para os quais o fim estava próximo e era inevitável. Mas as duas categorias não eram definidas por grupos e sim de acordo com o momento e com o interlocutor. O passado era apenas uma tênue lembrança ou um sonho e o futuro, mais do que nunca, nada prometia.

Em outubro de 1944, se deu no campo uma grande seleção daqueles que iriam para as câmaras de gás. Normalmente os mais fracos eram os escolhidos, mas havia exceções. De volta ao alojamento, o velho Kuhn rezava em voz alta, de boné na mão, agradecendo a Deus por não ter sido selecionado. No beliche ao lado estava Beppo, um jovem grego de vinte anos, olhando fixamente para a lâmpada no teto. Ele foi um dos muitos selecionados e sabia que seu destino era a câmara de gás daí a dois dias. Vendo e participando de tudo isto, comenta Primo Levi: “Não sabe, Kuhn, que da próxima vez será a sua vez? Não compreende que aconteceu, hoje, uma abominação que nenhuma reza propiciatória, nenhum perdão, nenhuma expiação, nada que o homem possa fazer, chegará nunca a reparar?”; e finaliza dizendo que se ele “fosse Deus, cuspiria fora reza de Kuhn”. (LEVI, 1988, p. 132)

Em janeiro de 1945 o campo começou a ser evacuado por causa dos bombardeios russos. Primo Levi se encontrava na enfermaria em tratamento de uma escarlatina. Conforme assinala, “por razões nunca esclarecidas, em Auschwitz os nazistas em fuga se abstiveram de executar as ordens de Berlim, que eram claras: não deixar nenhum sobrevivente para trás. Foram-se, abandonando-nos ao nosso destino” (LEVI, 2002, p. 86). No caso, por uma ironia deste mesmo destino, foi justamente o fato de ter sido ali abandonado o que provavelmente o salvou da morte, da qual poucos daqueles que foram evacuados conseguiram escapar. Blocos próximos ao que ele se encontrava incendiaram-se e os prisioneiros, ameaçados pelo fogo, procuravam outros lugares para se abrigar. Doentes às dúzias, nus e miseráveis bateram à porta de seu bloco pedindo abrigo; insistiram, suplicaram, ameaçaram, mas, para Primo Levi, era impossível recebê-los; ele e seus companheiros fizeram uma barricada na entrada e os que batiam à porta partiram à luz das chamas, descalços, na neve derretida. Os alemães haviam abandonado o campo e as torres das sentinelas estavam vazias. Ainda de acordo com Primo Levi, naqueles momentos passou, como um vento pelo espírito de todos, a lembrança das salvação bíblicas nas extremas desgraças. Mas no momento em que escreve suas memórias ele é taxativo em

sua descrença: “penso, hoje, que ninguém deveria mencionar a Divina Providência, já que existiu um Auschwitz”. (LEVI, 1988, p. 159)

Os prisioneiros em Auschwitz eram classificados em três categorias: identificados por um triângulo verde, os criminosos comuns; por um triângulo vermelho, os presos políticos; e os judeus, que eram a grande maioria – a população de Auschwitz era constituída entre 90 e 95% por judeus a partir de 1943 –, pela Estrela de David, vermelha e amarela. Todos vestiam roupa listrada e, além destas identificações especiais, possuíam também um número costurado no casaco. Os SS eram poucos, ficavam fora do campo e não apareciam muito. Quem exercia de fato a função de controle e repressão dentro do campo era esta categoria hierarquicamente superior de prisioneiros, os criminosos comuns. Eles podiam fazer com os prisioneiros judeus o que bem entendiam secundados, nesse poder de vida e de morte, pelos prisioneiros políticos.

Mas também entre os prisioneiros judeus havia hierarquia e mesmo privilégios. A luta pela sobrevivência no campo levava à busca de ascensão social. O caminho natural para esta ascensão era a ocupação de cargos dentro do campo, cargos que iam desde o diretor do campo, que podia ser um prisioneiro, até os limpadores de latrina, passando pelos *Kapos*, ou seja, pelos guardas encarregados da vigilância dos prisioneiros, que também eram prisioneiros. Todos esses cargos ou ocupações eram naturalmente ocupados pelos prisioneiros não judeus, mas os judeus também podiam chegar a eles, só que sua trajetória era muito mais difícil e complicada. Eles tinham que fazer intrigas e lutar muito para chegar ao que Primo Levi chama de proeminência. Uma vez atingida essa posição acima da lei comum, este prisioneiro judeu “será, então, tanto mais odioso e odiado quanto maior for o poder a ele concedido” e, “acontecerá, ainda que sua capacidade de odiar, frustrada frente aos opressores, se volte, insensatamente, contra os oprimidos”. Ainda a respeito destes prisioneiros judeus, que conquistavam posições superiores dentro do campo, conclui: “Os ‘proeminentes’ judeus constituem um triste e notável fenômeno humano. Convergem neles os sofrimentos presentes, passados e atávicos e a hostilidade ao estrangeiro,

assimilada por tradição e educação, para fazerem deles monstros de insociabilidade e insensibilidade” (LEVI, 1988, p. 92).

No campo de concentração se constroem mais rivalidades que solidariedades, numa espécie de luta de todos contra todos na qual só sobrevivem os mais fortes. Esta luta obedecia a uma regra básica, qual seja: “Os privilegiados oprimem os não-privilegiados. Na base desta lei, sustenta-se a estrutura social do Campo” (LEVI, 1988, p. 43).

A complexa realidade dos campos não tem como ser simplificada em um esquema que permita identificar claramente os bons e os maus ou mesmo os opressores e as vítimas. A dificuldade maior de quem chegava ao campo era decifrar minimamente aquela realidade, dificuldade esta que reaparece depois no momento de testemunhar e de construir uma narrativa sobre a vida no campo:

O ingresso no *Lager* constituía um choque em função da surpresa que implicava. O mundo no qual se precipitava era decerto terrível, mas também indecifrável: não era conforme a nenhum modelo, o inimigo estava ao redor mas também dentro, o ‘nós’ perdia seus limites, os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira mas muitas e confusas, talvez inúmeras, separando um do outro. Entrava-se esperando pelo menos a solidariedade dos companheiros de desventura, mas os aliados esperados, salvo casos especiais, não existiam; existiam, ao contrário, mil mônadas impermeáveis e, entre elas, uma luta desesperada, oculta e contínua. (LEVI, 2004b, p. 32)

Um sentimento de culpa muito comum entre os sobreviventes era o de omissão de socorro perante aqueles prisioneiros mais velhos, mais fracos, mais novos e inexperientes, que suplicavam uma ajuda concreta ou alguma forma de solidariedade que lhes re confortassem de alguma forma. Mas esta ajuda, salvo exceções, não vinha. Não vinha porque aqueles que se encontravam numa situação um pouco menos precária sentiam que o mais indicado para sobreviver era cuidar apenas de si mesmo. No entanto, como

observa Tzvetan Todorov, “não é verdade que a vida no campo de concentração obedeça unicamente a lei da selva: as regras da sociabilidade não são mais as mesmas, mas nem por isso deixam de existir”. (TODOROV, 1995, p. 45)

Num raro dia ensolarado de final de inverno, uma boa surpresa na hora do almoço, ao meio dia. Um companheiro revela ter conseguido um panelão extra de sopa que permitiria que eles conseguissem se saciar com uma boa quantidade de sopa à tarde, além da ração normal da hora do almoço. Ao final do dia toca a sirene do fim do trabalho. Primo Levi nos descreve então a sensação geral: todos estão fartos e não há brigas, se sentem bem dispostos, o *Kapo* não sente vontade de espancá-los, conseguem pensar em suas mães e suas mulheres, o que raramente acontecia e, durante algumas horas, podiam “ser infelizes à maneira dos homens livres” (LEVI, 1988, p. 77). Estes raros momentos de relativa felicidade no campo são assim comparáveis, no máximo, com momentos de infelicidade de uma vida normal em liberdade.

Primo Levi, que tinha formação em química, foi selecionado, juntamente com mais dois companheiros, para trabalhar no laboratório de química existente no campo no final de 1944. Neste laboratório trabalhavam três moças, duas alemãs e uma polonesa. A duas semanas do natal elas conversavam entre si a respeito do racionamento de gêneros alimentícios, dos namorados, de suas casas e de eventuais viagens. Uma delas comenta então que aquele ano, de 1944, havia passado muito rápido, como se nada de excepcional estivesse ali acontecendo que alterasse as suas rotinas. Um ano que para os prisioneiros foi muito longo, prisioneiros estes, os que trabalhavam no laboratório junto com elas, que elas desprezavam e não consideravam mais do que animais fedorentos. Mas uma destas moças alemãs que trabalhava no laboratório, Frau Mayer, pediu a Primo Levi que consertasse o pneu de sua bicicleta, pedido em si que já constitui algo inusitado porque aos prisioneiros judeus não se pedia coisa alguma. Pelo conserto, a moça entregou-lhe um ovo cozido e quatro cubos de açúcar, uma recompensa que, pelos padrões correntes, era significativa. Mas além da recompensa, dela também ouviu algo óbvio, mas que para ele tinha um

significado especial de conforto e esperança: disse-lhe que em breve chegaria o natal, o que o leva a concluir que, “ao contar este episódio depois de quarenta anos, não tenciono justificar a Alemanha nazista. Um alemão humano não exime os inumeráveis alemães desumanos ou indiferentes, mas tem o mérito de romper um estereótipo”. (LEVI, 2002, p. 68)

Hannah Arendt chama a atenção para o colapso moral que os nazistas provocaram na sociedade europeia, e não apenas entre os perseguidores, mas também entre as vítimas. Neste caso, ela está se referindo àqueles judeus que acabaram por colaborar com os nazistas, como os Conselhos de Anciãos que, acreditando estarem poupando vidas, elaboravam listas de judeus a serem enviados para os campos (ARENDR, 1999, p. 142). Mas o episódio narrado acima por Primo Levi nos mostra que Tzvetan Todorov tem razão ao que nos dizer “há tantos contra-exemplos aos princípios de imoralidade enunciados pelos sobreviventes que a simples presença desses princípios em seus escritos pede uma explicação” (TODOROV, 1995, p. 45).

No conto *Xeque-mate para o tempo*, de 1986, Primo Levi discorre sobre a nossa percepção do tempo: cada um de nós tem uma percepção subjetiva do tempo que difere daquela objetiva dos relógios e daí resulta ser muito comum sentirmos que o tempo subjetivo se alonga durante experiências ou condições pouco agradáveis enquanto, “pela maldade intrínseca à natureza e condição humana, isso se torna breve até a evanescência no caso das condições opostas”. (LEVI, 2002, p. 124)

Visando o controle dessa percepção e vivência do tempo, o narrador do conto apresenta um pedido de registro de patente de uma substância e de um procedimento médico que constitui na injeção de doses muito pequenas desta substância no quarto ventrículo cerebral do paciente. A operação não era perigosa, não apresentava efeitos colaterais nocivos e dela se obtinha os seguintes resultados em termos de intervenção do paciente no seu próprio sentido subjetivo do tempo:

Não apenas pode uniformizá-lo quanto à duração objetiva, mas pode também inverter o fenômeno, isto é

prolongar a seu bel-prazer o tempo das experiências agradáveis, e abreviar o tempo das experiências dolorosas ou desagradáveis. Nesse segundo caso, é preciso notar que, de modo totalmente imprevisto, a atividade muscular, a memória, a atenção e a percepção permanecem íntegras; isso distingue o método aqui descrito de técnicas tais como a narcose, a hipnose, o coma, a catalepsia induzida e máquinas do tempo inventadas até agora só pelos romancistas. (LEVI, 2002, p. 124)

O controle do tempo e da memória, os traumas de um tempo que não passa e o desejo do escritor de conseguir reinventar uma máquina do tempo que lhe permita conviver melhor com tudo isto nos revelam muito dos sonhos e das angústias de Primo Levi.

Na chegada ao campo de concentração, o que encontraram foi a sede enorme e uma torneira pingando água não potável; os procedimentos iniciais de se despir, de passar pela desinfecção, de receber roupas e sapatos rudimentares, raspar o cabelo e, por fim, receber no braço um número de identidade – o de Primo Levi era 174517 –, uma marca definitiva, como a que recebe o gado. Desde o início fica claro que o projeto para os campos não é meramente o extermínio. Os prisioneiros logo se sentem como fantasmas, como entes despersonalizados que chegaram ao fundo do poço – uma expressão muito usada no relato de Primo Levi. Os prisioneiros judeus eram tratados como peças de gado e se sua condição se aproxima muito da condição dos escravos, apesar da ironia da frase *Arbeit Macht Frei* – “o trabalho liberta”, afixada em uma placa sobre o grande portão de entrada de Auschwitz. Mas estes prisioneiros não eram escravos porque ali o que se pretendia era a anulação do humano e o extermínio, enquanto o escravo, apesar de suas condições de vida muito duras, não tinha a sua condição humana eliminada. Seu senhor desejava sua preservação, enquanto os senhores nazistas estavam experimentando a destruição do que havia de humano nas pessoas. Na escravidão, a possibilidade de se construir espaços e momentos de liberdade era muito maior que nos campos de concentração. Mas escravos e prisioneiros judeus tinham algo em comum: muitos deles

sabiam que não podiam se apegar à liberdade como um horizonte, como uma promessa para o futuro; era necessário viver o presente e o presente do campo de concentração era muito mais que desanimador enquanto o futuro parecia uma miragem.

Apesar de indústrias grandes e pequenas, empresas agrícolas e fábricas de armamentos terem utilizado trabalho dos prisioneiros dos campos, estes não foram montados meramente tendo em vista o trabalho escravo ou semi-escravo desses prisioneiros. Embora os nazistas também fossem adeptos de uma ética enobrecedora do trabalho, esta ética não se aplicava aos prisioneiros dos campos e particularmente não se aplicava aos judeus. O trabalho que enobrece, que contribui para o aperfeiçoamento profissional, não é o trabalho daqueles considerados como seres desprezíveis. Para estes últimos o trabalho tem um caráter persecutório, aflitivo e se aproxima muito do trabalho das bestas de carga de puxar, empurrar e carregar pesos. Como lembra Primo Levi, nos primeiros campos, quase contemporâneos da época da ascensão de Hitler ao poder, o trabalho era praticamente inútil para fins produtivos. Um exemplo é constituído pelas mulheres de Ravensbrück, que enfrentavam jornadas intermináveis, antes de serem enquadradas em um trabalho fabril, removendo areia das dunas. Cada uma devia deslocar a areia de seu monte para o monte da vizinha da direita, num circuito sem meta e sem fim, uma vez que a areia voltava para o lugar de onde era tirada. (LEVI, 2004b, p. 104)

No comboio em que Primo Levi chegou ao campo havia 650 pessoas. No seu vagão, 45 pessoas, das quais apenas 4 sobreviveram, e o seu vagão foi, segundo ele, de longe o mais afortunado. Dos 650 que chegaram ao Campo, mais de 500 foram mortos nas câmaras de gás nos dois primeiros dias depois da chegada. A primeira câmara de gás foi construída na Alemanha em 1939, a partir do decreto de Hitler de 1º de setembro daquele ano, que visava proporcionar “uma morte misericordiosa” às pessoas incuráveis que viviam no Reich. Estas câmaras, disfarçadas como salas de duchas e banhos, surgiram, portanto, a partir de um programa de eutanásia. Depois este programa foi estendido e aplicado aos judeus nos territórios ocupados no leste da Europa.

No campo de concentração havia música. De manhã e a noite, todos os dias, ouvia-se, a partir de um auto-falante, marchas e canções populares tradicionais da Alemanha. Sempre as mesmas músicas, mais ou menos umas doze. Quando Primo Levi esteve na enfermaria do campo, ao ouvir, junto com companheiros ali recolhidos, estas músicas, eles sabiam que os outros prisioneiros, “lá fora, na bruma, partem marchando como autômatos; suas almas estão mortas e a música substitui a vontade deles; leva-os como o vento leva as folhas secas”. Prossegue relatando que, tanto na saída para o trabalho no campo como na volta, nunca faltavam os SS e se pergunta: “Quem poderia negar-lhes o direito de assistir a essa coreografia que eles criaram, à dança dos homens apagados, pelotão após pelotão, voltando e indo em direção à bruma? Que prova mais concreta de vitória?”. Primo Levi conclui que o som dessas músicas seria a última coisa do campo a ser esquecida. Ficaram gravadas nas mentes dos sobreviventes. Elas, “são a voz do Campo, a expressão sensorial de sua geométrica loucura, da determinação dos outros em nos aniquilar, primeiro como seres humanos, para depois matar-nos lentamente”. (LEVI, 1988, p. 50)

Em dezembro de 1944, quando à noite já se ouvia cada vez mais próximo o estrondo das artilharias e o *front* não distava mais que uma centena de quilômetros, podia-se perceber, até mesmo no campo, que a Alemanha estava, enfim, moribunda. Mas por haver ainda “uma Alemanha fanática e suicida que aterrorizava uma Alemanha então já desencorajada e intimamente vencida”, lá pelo fim de outubro presenciou-se, num terreno baldio ao lado do campo, “uma singular escola de fanatismo”, um típico exemplo de educação nacional-socialista: neste local foi erigido um acampamento da Juventude Hitlerista, com cerca de duzentos adolescentes, quase crianças ainda, que de manhã hasteavam a bandeira, cantavam hinos truculentos e faziam exercícios de marcha e de tiro. (LEVI, 2002, p. 63)

Estes jovens eram conduzidos até o campo em “visita guiada” e recebiam aulas em alta voz, como se os prisioneiros não estivessem ouvindo ou nada entendendo. A eles era dito que os prisioneiros eram os inimigos do *Reich* e seus inimigos; que eram subumanos; que fediam porque não se lavavam e que eram esfarrapados porque não se cuidavam; que eram

subversivos, bandidos, ladrões de rua pelos quatro cantos da Europa, mas que os campos os tornaram inofensivos; que só serviam para os trabalhos mais rudes; que era justo que se cansassem para reparar os danos da guerra porque foram eles – os judeus, os comunistas e os agentes da plutocracia – que a quiseram. Constata então Primo Levi:

Os soldados-meninos ouviam, com devoção e transtorno. Vistos de perto, causavam pena e horror ao mesmo tempo. Estavam pálidos e assustados, mas nos olhavam com ódio intenso: éramos nós os culpados por todos os males, das cidades em ruína, da carestia, por seus pais mortos no *front* russo. O *Führer* era severo, mas justo; justo era servi-lo. (LEVI, 2002, p. 64)

O que provavelmente também se procurava mostrar a estes jovens era o tipo de sacrifício que teriam de fazer em prol da grandeza dos objetivos a serem atingidos. Hannah Arendt chama a atenção para um detalhe no recrutamento das pessoas que atuavam em unidades especiais das SS ou do exército alemão, como os *Einsatzgruppen*, que eram unidades de polícia militarizada, criadas a partir da anexação da Áustria, recrutadas nas SS, mas subordinadas administrativamente às forças armadas e que, a partir da invasão da Polônia, eram encarregadas do assassinato sistemático de opositores reais ou potenciais do regime nazista e em particular dos judeus. Nestes recrutamentos, procurava-se evitar aqueles que demonstravam prazer físico com o que faziam, ou seja, os sádicos ou criminosos por natureza. Pergunta-se então a respeito do que levou pessoas como essas a cometerem atrocidades em nome do nazismo. A resposta a que chega é de o que afetava as cabeças desses homens que haviam se transformado em assassinos era simplesmente a idéia de estarem “envolvidos em algo histórico, grandioso, único (‘uma grande tarefa que só ocorre uma vez em dois mil anos’), o que, portanto, deve ser difícil de agüentar”. Acrescenta ainda que os problemas a serem superados não eram bem de consciência e sim da piedade animal que afeta todo homem normal em presença do sofrimento físico. Para isto, o truque usado era inverter a direção destes instintos para o próprio indivíduo,

produzindo o seguinte resultado: “Em vez de dizer ‘Que coisas horríveis eu fiz com as pessoas!’, os assassinos poderiam dizer ‘Que coisas horríveis eu tive de ver na execução de meus deveres, como essa tarefa pesa sobre meus ombros!’”. (ARENDT, 1999, p. 121-122)

Consuma-se assim o processo em que as vítimas se transformam em culpados e os culpados, pelos sacrifícios impostos por sua missão, se transformam em vítimas.

Os jovens da Juventude Hitlerista, em suas aulas práticas a que Primo acaba de se referir, talvez inconscientemente percebessem que aquela forma de sociedade que estavam vendo não era uma exceção e sim constitutiva do mundo que se prometia para todos aqueles que não comungavam devidamente com a ideologia e os ideais de justiça do regime.

Os campos de concentração também podem ser vistos como um laboratório no qual se percebe a capacidade de cada um de sobreviver em condições extremamente adversas. Percebemos neles mecanismos de seleção daqueles mais resistentes. Apenas os mais fortes sobreviveram. Em condições normais na sociedade, entre os mais fortes e os mais fracos, existem inúmeras categorias intermediárias de indivíduos. Aliás, lembra Primo Levi que tanto mais civilizado é o país quanto mais forem eficientes as suas leis, ou um certo sentido moral – “uma lei interior”, que não permitam que o miserável seja miserável demais e que o poderoso seja poderoso demais. Já no campo ou se é mais forte e resistente e se aproveita as mínimas chances de sobrevivência, ou se é fraco ou pouco resistente e se entrega à rotina do sofrimento e sucumbe-se rapidamente. Para sucumbir, basta cumprir as normas vigentes, se alimentando apenas da ração diária distribuída e trabalhando com o esforço e a presteza exigidos. A experiência concentracionária também permite perceber certos instintos inatos vis a vis a outros adquiridos pela própria experiência ali vivenciada. Não se trata de revelar por essa experiência o homem brutal e egoísta ao ruir toda a estrutura social, momento em que ele se sente só a ponto de saber que não pode contar com mais ninguém a não ser com ele mesmo. Se trata de constatar que “frente à pressão da necessidade e do sofrimento físico, muitos hábitos, muitos instintos sociais são reduzidos ao silêncio”. (LEVI, 1988, p. 88)

Na luta contra o cansaço, a fome e o frio, e a inércia deles resultantes, era necessário resistir aos inimigos e não ter pena dos rivais. Muitos eram os meios imaginados para não morrer e dessas estratégias resultaram uma série de aberrações e compromissos. Exceto para aqueles que possuíam uma fibra extraordinária, “a não ser por grandes golpes de sorte, era praticamente impossível sobreviver sem renunciar a nada de seu próprio mundo moral”. (LEVI, 1988, p. 93)

Num dia, no final de 1944, os prisioneiros foram reunidos, como em outras ocasiões, para assistir à execução de um condenado. Mas desta vez se tratava de um prisioneiro especial que foi acusado de participar da explosão do forno crematório do campo de Birkenau, que também fazia parte do complexo de campos de Auschwitz. Os prisioneiros encarregados das câmaras de gás e dos fornos, e que por sua vez eram periodicamente exterminados, planejaram e executaram a operação que resultou na explosão. O prisioneiro do campo em que Primo Levi se encontrava foi acusado de alguma forma de colaboração no plano. Antes de abrir-se o alçapão e ficar o condenado debatendo-se na forca, este gritou para aqueles que o assistiam que ele era o último a ser executado. Todos assistiram à execução e ouviram estas palavras sem qualquer reação. A seguir voltaram aos seus alojamentos. Os sentimentos descritos por Primo Levi são de vergonha e derrota. Para ele, aquele que foi executado não era como eles, embora eles ainda estivessem vivos. Aquele prisioneiro era um dos muito poucos que conseguiram resistir de uma forma diferente e que, apesar de acabar de ter sido enforcado, conseguiu vencer os alemães. Eles não. Eles se sentiam vencidos como nunca. Naquele momento os alemães devem ter avaliado que seu projeto de extermínio era bem sucedido. Este era o sentimento de um de seus prisioneiros, revelando sua fraqueza e desespero: “Destruir o homem é difícil, quase tanto como criá-lo: custou, levou tempo, mas vocês alemães conseguiram. Aqui estamos, dóceis sob o seu olhar; de nós, vocês não têm mais nada a temer. Nem atos de revolta, nem palavras de desafio, nem um olhar de julgamento”. (LEVI, 1988, p. 152)

Para Hannah Arendt, as ideologias totalitárias, na sua crença de que tudo é possível, demonstraram apenas que tudo pode ser destruído. Os

campos explicitaram como nunca esta pretensão de onipotência dos homens que, ao visarem o bem absoluto, produziram a concretude do mal extremo:

Os campos de concentração constituem os laboratórios onde mudanças na natureza humana são testadas, e, portanto, a infâmia não atinge apenas os presos e aqueles que os administram segundo critérios estritamente ‘científicos’; atinge a todos os homens. A questão não está no sofrimento, do qual sempre houve demasiado sobre a terra, nem no número de vítimas. O que está em jogo é a natureza humana em si. (ARENDDT, 1989, p. 510)

O que se pretende com os campos de concentração não é apenas a destruição dos inúteis e indesejáveis da sociedade e sim o controle total de todos aqueles que nela vivem. Não se faz uma revolução por meio dos campos de concentração, mas as ideologias revolucionárias que previam a transformação completa da sociedade não puderam prescindir dos campos como laboratórios para testar aquilo que para elas de fato interessava, que era a transformação da própria natureza humana. No século XX, nazistas e comunistas soviéticos se puseram a brincar de Deus com suas utopias messiânicas que prometiam o paraíso sobre a terra para aqueles que não houvessem cometido o pecado original de terem nascido judeus, burgueses, ou outra coisa que não compartilhasse seus sonhos. Ao tentarem moldar o homem novo, criaram o inferno dos campos de concentração.

Principalmente em *É isto um homem?*, Primo Levi se volta para a reconstituição da vida cotidiana no campo de concentração. É possível tal reconstituição? Podemos falar mesmo de uma vida cotidiana em tais condições? Quando nos referimos ao cotidiano na história, normalmente temos em vista uma vida ordinária, uma vida sem maiores sobressaltos e que se desenrola mais ou menos dentro de uma rotina que é comum a muitos. O campo de concentração é o oposto disso. Ali se leva uma vida que nada tem de ordinária e que representa uma ruptura brusca com a vida que cada prisioneiro levava anteriormente. Pensamos mesmo que não se vive no

campo, que apenas se sobrevive o que, aliás, para a grande maioria nem é o caso. Mas Primo Levi consegue reconstituir esses momentos de sua vida. Ele nos mostra que havia vida no campo e que, portanto, havia história ou histórias a serem contadas.

O esforço de Primo Levi em resgatar a memória do ocorrido no campo de concentração foi bem sucedido. Não apenas para que este resgate pudesse contribuir para que fatos como aqueles não voltassem a ocorrer. A vida no campo de concentração, embora não pareça, é uma experiência humana. Para ele, não existe experiência humana que seja destituída de sentido, mesmo as mais extremas, abjetas e deploráveis. A narrativa de Primo Levi possui este grande mérito: ela consegue dar sentido à vida que levou em Auschwitz. Não se perde nunca no relato a idéia de que ali se encontrava, não mais um de uma raça, mas um ser humano.

Referências

- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de J. R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Origens do totalitarismo*. Tradução de R. Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LEVI, Primo. *71 contos*. Tradução de Maurício S. Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *A trégua*. Tradução de M. Lucchesi. São Paulo: Planeta De Agostini, 2004a.
- _____. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004b.
- _____. *O último natal de guerra*. Tradução de Maria do Rosário C. A. Toschi. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2002.
- _____. *A tabela periódica*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Tradução de Egon O. Rangel e Enid A. Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.